



Copyright © Fábrica de cânones, 2021.
Cavalos Sonâmbulos © Márcio Costa, 2021

Editor

Eduardo Guimarães

Capa, projeto gráfico e diagramação

Luyse Costa

Revisão

Luiz Guilherme Sakai

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837

Costa, Márcio

Cavalos sonâmbulos / Márcio Costa.-- São Paulo: Fábrica de cânones, 2021.

ISBN 9786599646218

1. Poesia brasileira I. Costa, Márcio II. Título.

CDD 869.91


(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

Fábrica de cânones
R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana
CEP: 04012-010, São Paulo - SP - Brasil
Tel: (11) 98338-2314
@fabricadecanones
fabricadecanones.com.br

MÁRCIO COSTA

CAVALOS SONÂMBULOS

1ª Edição | São Paulo | 2021

 **Fábrica**
de cânones



“Com peixes e cavalos sonâmbulos
pintas a obscura metafísica
do limbo”.

João Cabral de Melo Neto



Para minha mãe, Dona Rosa.
(1962-2020)

APRESENTAÇÃO

CAVALOS SONÂMBULOS é uma obra do tempo, que se construiu quase que automaticamente, não obstante os fragmentos insuspeitos e interrupções, dos demônios em coro e dissonância, da necessidade de destruição e selvageria. Essas vozes são produto de uma cartografia da insônia, testamento de loucuras, hematomas, sentimentos corrosivos e incômodos, erigidos em camadas, através dos dias.

São textos de anos (2008-2018), os poucos que sobraram de todas as formas de exercícios de fuga e possibilidades de suicídio. Procuram dizer não à biografia, mas sim a uma possibilidade de catalogar a dor e os sons, tarefa tão inútil, mas tão desesperadamente tentadora. Afinal, mais que escrever, remoer a leitura instiga uma nova forma de prazer, uma maneira obscura de anestesia, transferida em doses pequenas a cada linha.

O texto que se apresenta já teve inúmeras formas: foi selecionado, esqueteado, teve palavras inseridas e furtadas, mudou de geografia, de química e de desenho. Atestou outras topografias, a lume de incertezas, experimentou mergulhos e voos, criou contingências e fragmentou-se na paz albergada dos ansiolíticos e desejos mais condenáveis.

Os CAVALOS SONÂMBULOS habitaram a noite e foram selvagens. Circularam no ar, tal a névoa sobre a insônia, objeto de impacto, fragmento e percepções. Nasceram do fracasso e do medo, emergiram a galopes incontroláveis, para tomar a forma metafórica de uma cadeia de enunciados, poemas que atestam a luta de sobrevivência existencial, a procura por si mesmo em doses de palavras.

É uma forma de violência empreender contra

o caos, uma forma de incômodo atestar a estática das formas de coisas e contra elas lançar palavras como se atira com metralhadoras. E, mesmo que não seja o caso, como nunca o é, escrever é uma forma de organizar esse fluxo de informações que pode sorrir ou pisotear como uma multidão em fuga.

O escritor no fim do mundo (como tal se avizinha) procura dizer muito, ser eficaz em suas formas de tentar manter unida a fissura da realidade (?), busca emitir vozes, diciona enunciados e lança gritos de gozo e de horror, mesmo sem saber que o escutam. Ou, sabendo que não o escutarão por algum tempo, mas o que o impede de parar? É o que se questiona.

Esses CAVALOS SONÂMBULOS impediram muitos silêncios e muitos emudecimentos, seja quando se fizeram poemas sobre a dor e o ódio (cotidiano), seja quando se tentou falar do amor e do tempo, para, no fim, responder a pelo menos uma das questões fundamentais: por que continuar? Talvez apenas continuar como forma de prosseguir na inércia que avassala, entendendo que uma semente de ódio, dor, caos e amor existe em cada pessoa e que se luta constantemente para que não germine. Mas ela sempre germina.

Márcio Costa





SEGUNDA-FEIRA

O ambiente sucumbe
ao abstrato.
Corrompe.
Todos os dias inúteis
classificados
como extremamente fúteis.
Mas não.
Quisera parte
do cosmos silente
nomeasse um sussurro
de alguém
de que algumas horas
poderiam valer
a pena.
A jornada de trabalho
e de sorrisos
a entrega sem prazer
para o monstro
maior que a nossa força.
Aqui estamos
extasiados do gozo
cruel, mas anunciado.
Novamente prostrados
novamente sorrindo.

QUEDA

Aqui estamos
cada vez mais perdidos
que cada passo

(preciso!?)

é, senão, um gesto
de equilíbrio
antes da queda.

OLIVER

Como um gato
que à janela
é menos
versátil
é menos
poema
esse texto
condicionado.
Felino entregue
à geometria
do obstáculo
à sisudez
do horizonte
distante e
de plástico.
Animal
recluso ao
hemisfério
do abstrato
à ilusão de
dias livres
de momentos
apropriados
procurando
a liberdade
entre grades
permanentes e
sem rastros.

CAVALOS SONÂMBULOS I

Cavalos nos sonhos,
sonâmbulos, adeptos.
Galopes continuados,
sons de aspectos
cinematográficos.
Glóbulos gigantes,
animalescos, de esquelha.
Uma procura silenciosa,
esconder-se, esquivar-se
sem teto, entregue.
Uma ruptura de som
de soluço, às três
da manhã, um corpo
macio e sem flor.
Jornada mortificada,
dentro do cérebro,
pisada macia e sons
de passos em folhas
secas. Cavalos
sonâmbulos, interstício
provisório de carbono
em matéria mínima,
decompondo-se
com o tempo.
Prolongando-se
com os sonhos.

OUTRA CARA

Vontade louca de ter outros olhos,
a face perfeita das estatuetas.
Lamentar outro sonho, acordar noutra cama.
Adentrar o silêncio das coisas não ditas,
enfim, anotadas.
Não ver o ritmo sinuoso da vida,
o atroz ruído que deixa surdo o melhor ouvido.
Vontade danada de ser outro corpo,
variar a jornada imperfeita,
cantar escondido outra música,
outra melodia cinzenta.
Ater-se à insanidade instrumental,
alardear a imperfeição de todas as variações de
[coisas,
renunciando ao semblante triste
da conformidade. Do gesto acabado
diante do sorriso, da austeridade
do vinho, dos livros, de qualquer
ser humano, que sabe ou que seja.

INIMIGOS

No fim das contas
inimigos invisíveis
produzem pouco
deslocamento.
Alguns passos
para a esquerda
dentro da cabeça.
A angústia coletiva
do pouco controle
sobre as coisas.
A simulação das horas
perfeitas que se carrega
na mochila.
Os dias de solidão
escondida
com a exposição
sempre frequente.
Ah! Impossível
controlar-se ao acaso
dos ponteiros
e câmeras céleres,
justamente
o mais combativo
menos pensado
o tempo que corroeu
a todos nós
silenciosamente
e quando se vê
é sexta-feira.

AUSÊNCIA

A ausência tem um peso
mais específico sobre os ombros.
Você pode olhar uma fotografia
e lembrar de um sorriso.
Antigamente quando as fotografias
eram de papel uma porção grande
de sorrisos acabava se perdendo.
Se apagava, permanecendo pouco,
pouco tempo na memória.
Um dia acordava-se e uma nuance,
um detalhe, uma ruga, o jeito
que a mulher olhava em direção
da lente, agora distante,
já não existia. As pessoas ficavam
doentes, difícil nunca mais lembrar
o sorriso do amor de uma vida.
A ausência faz crescer a playlist
de músicas tristes, o smartphone
é um álbum de fotografias
e de sorrisos. Procuramos,
agora dependentes da luz
e da energia elétrica, a melhor memória
para representar o amor que pendeu
como uma chuva forte, uma lâmina
de carrasco e colheu os sons da boca
que agora só balbuciam notas
que habitam a noite numa melodia
que faz lembrar canções da infância,
constantemente revisitadas.

AO FUTURO

Um amor que faça
imaginar o futuro,
que nos ponha a escrever
cartas e e-mails do que será,
para que no passado,
hoje reativo, inconfessável,
a ilusão da derrota
não progrida.